

# Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)

Escolma. Parte I. Esquecida vivia

8

Esquecida vivia  
do meu corpo. Umha pobre mulher  
cumha filla de vinte e cinco anos,  
que tem à sua vez  
umha filha de três, e vive longe.  
Umha muller já bem  
madura, porque tem  
umha filha de vinte e cinco anos.  
Umha mulher abandonada  
polo marido, sem recursos,  
sem estudos, que tivo que empregar-se  
numha oficina para um trabalho  
rotineiro, há muitos anos, já.  
E assi vive, entre companheiros  
indiferenres, apressados, descontentes;  
descontente, apressada, indiferente.  
Vestida sem cuidado,  
penteada sem esmero.  
Sem horizonte, só, sem ilusom.  
E apareceste ti,  
um parente remoto  
e que necessitava um documento  
que se expedia na minha oficina,  
e eu lhe facilitei.  
Um parente remoto  
a quem nom vira nunca, e que vivia  
numha grande cidade de além-mar.  
E, surpreendentemente,  
achaste-me formosa.  
Dixeste-mo,  
e no teu rosto lim que eras sincero.  
E foi um terramoto para mim.  
No meu apartamento, pola noite,  
dispo-me  
perante o espelho, e acho  
que tés razom, que o meu corpo é formoso  
ainda, e gostaria  
de que o visses assi, sem véu algum.  
E, nua, entro no leito  
pensando em ti, para sonhar contigo,  
e renace entre a espuma dos lençóis  
umha esquecida voluptuosidade,  
e fecho os olhos, porque em sonhos ponho  
neles os lábios teus.  
Manhá convidarei-te a visitar-me;  
a tomar umha copa,  
ao sair do trabalho,  
no meu apartamento.  
Tomaremos a copa, e cando eu veja  
que a hora soou

nos teus olhos, nos teus  
beijos, nas tuas mans,  
farei o mesmo que hoje fago,  
decidida, tranquila,  
sem temor, sem rubor.  
Despirei-me, mas nom  
ante o espelho: ante ti.  
Nua, sulagarei-me  
no leito: mas contigo.

[Ligazón](#)

## Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)

Escolma. Parte IV. Calquer lugar é bom para morrer

4

Calquer lugar é bom para morrer.  
Nom se distingue o home da mulher.  
A morte é neutra —das Tod— em alemám.  
Género e sexo nom sempre vam da mam.  
Pois umha cousa é a anatomia  
e outra a gramática —falaz dicotomia.  
Nom vejo a morte feminista ser.  
Calquer lugar é bom para morrer.

Donas do tempo passado ou do actual,  
a morte a todas trata-vos igual  
que aos cavaleiros. Violenta, a história o di.  
Muitas mulheres morrerom assi.  
Em Rouen foi Joana d'Arco queimada;  
Antoinette em Paris guilhotinada;  
Em Chappaquiddick, Jo foi perecer.  
Calquer lugar é bom para morrer.

Eis umha flor para o lume e o mar,  
a praça, o paço ou calquer lugar  
onde a mulher tenha o seu passamento.  
Erga-se a rosa sobre o moimento.  
Nesta matéria nom é discriminada.  
Inês ferida, Mariana agarrotada,  
Mary Jo sulagada, Jeanne a arder.  
Calquer lugar é bom para morrer.

[Ligazón](#)

## Reticências... (1986-1989)

Escolma. Parte I. E agora som um velho patrom que...

E agora som um velho patrom que  
se senta ao sol no banco de um passeio.  
A minha vida fica atrás. Foi minha?  
Quem fum outrora?

Fum eu -este que agora som- aquele  
que estes mesmos carreiros transitava  
um tempo perseguindo a borboleta  
ilusória do amor, e neste mesmo  
banco torrava o coração, ao sol  
do rosto de umha forma feminina,  
já nom sei qual, ao meu carom sentada?

A minha boca que articula agora  
um monológico silêncio, é  
aquela que sabia dialogar  
consoante a gramática perdida?

Nem apego me fica ao que ontem fum,  
nem ao que ontem regia o meu falar  
e o concertava com o falar seu.

Nacim já velho neste banco ao sol,  
e aquel que outrora fum morreu em mim,  
e sinto-o como um outro  
que nom herdei, pois nada tenho del.

Mocidade nom tivemos; som um velho  
de poucos anos, que nacim assi.  
Apócrifa é a história  
com que alguns me encadeiam  
às alegres tristezas de um passado  
de harmonioso furor primaveral.

Sentado neste banco, tam só espero  
que de mim mesmo brote o sono. Aquela  
moça que se detém perante mim  
—talvez ontem ao meu lado se sentava—,  
estorva-me hoje, e a seguir convidou-a  
a sua via, pois furta-me o sol.

## Reticências... (1986-1989)

Escolma. Parte V. Na China

Na China  
necem vinte e seis nenos por minuto.  
Radiaçõs de amarelo,  
em ondas incessantes,  
estenderám-se pola pele do mundo,

seja esta prata, cobre ou ónix;  
metais, enfim, ou pedras  
menos fortes que o ouro  
como padrom de câmbio. A quantidade  
impom a qualidade  
num tempo em que o poder de massa é decisivo.  
Agora nom é o raro  
o bom. O raro é vergonhoso.  
E prata, cobre ou ónix  
serám em breve formas patológicas  
de cor da pele. Consulte o dermatólogo  
quem nom assimilasse o ouro padrom.  
Toda pele minimamente sá  
tem que ter recolhido  
as radiaçõs do Oriente,  
provenientes da China, onde, segundo  
seguras estatísticas,  
nacem vinte e seis nenos por minuto.  
Muitos milhõs de poros irradiando  
cromossomas ou gens,  
esporos ou eflúvios  
auríferos, avondam  
para que se produza a necessária  
mutaçom na epiderme discrepante,  
e a feliz unidade se reduzam  
as nom rendíveis, e perturbadoras  
divergentes pigmentaçõs da pele.  
Os insensíveis às obriças ondas,  
serám corpo a extinguir no lazareto.  
Pele amarela, oblíquos olhos, liso  
cabelo negro em toda a parte triunfarám.  
Exércitos inúmeros  
de engraçados meninhos  
e de maes jeitosíssimas  
da cor do sol, invadirám o mundo,  
e imporám a sua graça  
sobre toda a epiderme,  
mediante a mestiçagem,  
o enxerto, a cirurgia,  
o estofado, o verniz. De um jeito ou outro  
(se nom nas transaçõs  
mercantis), na genética,  
o padrom ouro triunfará afinal.

## **Reticências... (1986-1989)**

Escolma. Parte VI. No Líbano nom hai cedros do Líbano

1

No Líbano nom hai cedros do Líbano.  
Hai-nos nalguns versículos  
da Bíblia. Hai-nos nos parques  
de inúmeras cidades de Ocidente.

Mas no Líbano, nom. Ao menos  
na cordilheira homónima. Talvez  
os esgotassem os agentes  
de Hiram, rei de Tiro,  
que se comprometeu  
a enviar materiais a Salomon  
para a construção do Templo.  
E em jangadas, até Jope,  
pelo mar foram os madeiros  
transportados polos fenícios.  
E Salomom encarregou aos seus servos  
de transportá-los dali a Jerusalém.  
E Hiram, rei de Tiro, enviou  
a Salomom um arquitecto, Huran-Abi,  
cujo pai era natural de Tiro  
e a sua mãe uma mulher da tribo  
de Dan; e já servira ao Rei David.

Obedecendo ordens, lenhadores  
fenícios derrubaram  
cedros a eito; mas  
nom creio que o rei Hiram fosse  
tam insensato que arruinasse  
a sua riqueza forestal.

Mais bem deveu de ser na escura noite  
medieval —bizantinos e cruzados,  
árabes e mogóis— cando a orgulhosa  
árvore da sua terra desertou.  
Permaneceu a denominação  
de origem. A gramática histórica  
prevaleceu sobre a semântica  
sincrónica. A história tiraniza-nos.  
O passado agrilhoa-nos.  
As cousas mudam, as palavras ficam.  
Palavras enganosas, fantasmas  
lexicamente vestem-nos. O tempo  
trocou em falsos os nomes verdadeiros.  
A superestrutura  
lingüística pseudomorfosifica  
a realidade. Preguiceira língua  
que nom pode seguir  
a evolução das cousas de pés ágeis.

Muitas vezes espectros sem sentido  
—porque o rato do tempo-  
lhes rilhou a substância—  
obrigam-nos a guerrear.  
E a história é um combate de mortos.  
As bandeiras que à morte nos conduzem,  
hai tempo que perderom a memória  
do povo que simbolizavam.  
Como o astrónomo capta a luz de estrelas  
longo tempo apagadas no Universo,  
assí as nossas ferozes  
contendas por ideais ou tesouros,  
som luitas por palavras  
que já nom significam

o que significarom.

No Líbano nom hai cedros do Líbano.  
Mentimos ao falarmos. Batalhamos  
por damas que deixarom de estar vivas,  
por pátrias que trocarom os seus mapas,  
por riquezas que som papel moeda  
sem reservas em ouro  
nem trigo nem metal nem grao algum  
que podam garantir  
umha troca vital.

Espectros administram-nos,  
e palabras vazias  
formam o noso código  
de falsas locuções,  
o noso dicionário de imposturas.

No Líbano nom hai cedros do Líbano.  
Nom existe presente.  
O pasado  
rege-nos, a anacrónica  
sombra do que já foi, mas já nom é.

Nom hai cedros do Líbano no Líbano.  
Empregamos a fala  
de Salomom nos tempos de Shamir.

**Escolma de textos de Carvalho Calero por Pilar Pallarés para a lectura en liña do Gaiás: [ligazón](#)**

**Varios poemas de Carvalho Calero no site *A Media Voz*: [ligazón](#)**

**Escolma de poemas na Biblioteca Virtual Galega: [ligazón](#)**

**Páxina que creou a AGAL (Associaçom Galega da Língua) para homenaxear Carvalho Calero: [ligazón](#)**

**Site de Carvalho Calero no Centro de Documentación da AELG: [ligazón](#)**